
06. ACADEMIA MARANHENSE DE CIÊNCIAS: CRITÉRIOS DE DEFINIÇÃO DE UM “PANTEÃO”

Dandara Azevedo Saraiva Barroso¹

Igor Gastal Grill²

Introdução

O presente trabalho integra uma investigação mais ampla sobre imbricações entre lógicas e práticas políticas e intelectuais que vem sendo realizada no âmbito do Laboratório de Estudos sobre Elites Políticas e Culturais (LEEPOC). Sob a coordenação dos Professores Doutores Igor Gastal Grill e Eliana Tavares dos Reis, o laboratório é um espaço constituído com vistas à análise de mecanismos e princípios de seleção, hierarquização e afirmação de elites políticas e culturais.

O estudo que ora apresentamos está vinculado ao macroprojeto desenvolvido no LEEPOC pelos professores orientadores, cujo título é “Intérpretes do Maranhão: trajetórias políticas e intelectuais de porta-vozes da ‘cultura’, da ‘política’ e da ‘sociedade’”, financiado com recursos do CNPQ e da FAPEMA. Tomamos como recorte, a partir desse projeto mais geral, o universo científico juntamente à intervenção política dos agentes para buscar compreender de que forma se dá as intersecções destas dimensões da vida social no contexto do estado do Maranhão.

O desenvolvimento da pesquisa se estruturou a partir da análise do caso da Academia Maranhense de Ciências (AMC), buscando apreender o processo de construção de “imagens” do que é compreendido como “ciência” no estado e as relações destas com recursos provenientes de outros domínios que não o científico.

Um dos focos privilegiados no estudo mais amplo, realizado no LEEPOC, reside em explorar a importância que a vinculação com o mundo político pode adquirir como critério de excelência, recurso de afirmação e trunfo de legitimação em universos que não compõem o polo político do espaço do poder. Neste caso, podem-se identificar intersecções e complementaridades entre a dimensão da intervenção política (gestão, engajamento,

¹ Programa de Pós Graduação em Sociologia / Universidade Federal do Maranhão - PPGSOC/UFMA. E-mail: dandaraazevedob@gmail.com

² Programa de Pós Graduação em Sociologia / Universidade Federal do Maranhão - PPGSOC/UFMA. E-mail: igorgrill@terra.com.br

associativismo, ocupação de cargos, etc.), os diversos significados que adquirem e a hierarquização de uma esfera exógena à luta partidária.

Sendo assim, a esfera política, entendida não apenas em sua dimensão eletiva, mas também quando do exercer de cargos administrativos e de engajamentos diversos, merece enfoque especial por influenciar de maneira crucial, direta ou indiretamente, os demais âmbitos.

Como dissemos, o estudo se baseia na configuração da Academia Maranhense de Ciências (AMC), a qual tomamos como universo empírico para perceber as dimensões em disputa pela definição dos representantes do “fazer científico” e por representações acerca da “ciência” no estado. Mais especificamente, buscamos apreender a seleção de agentes autorizados a pertencer ao panteão de cientistas e os critérios de atribuição de excelência científica em voga.

O trabalho foi inspirado por alguns estudos já realizados. Em primeiro lugar, a ampla pesquisa efetuada por Coradini (1997; 1998; 2005) sobre a Academia Nacional de Medicina e as indagações que traz sobre a formação de uma “elite” culturalmente dominante em uma sociedade periférica e importadora. Paradoxalmente, esta “elite”, segundo ele, não se apoia nos títulos escolares como princípio de seleção primordial, mas em cargos políticos e redes de relações. A noção de panteão que nestes trabalhos é estruturante, assume papel fundamental também em nossa pesquisa, uma vez que tendo “como objetivo específico e explícito a consagração e celebração e, com isso, a sobrevivência social de seus ‘vultos’” (*idem*, 1998, p. 221), põe em relevo o caráter de “notabilidade” que permite apreender o trânsito dos agentes entre diferentes domínios sociais.

Em segundo lugar, outro estudo do referido autor, desta vez sobre professores universitários (CORADINI, 2013), em que demonstra o peso da passagem por cargos administrativos e de gestão em universidades na hierarquização dos diferentes tipos de atividades relacionadas ao exercício do magistério superior. Por fim, os estudos realizados por Reis e Grill (2014) que mostram como agentes que combinam notabilidades advindas de meios intelectuais (universidades, academias, mídias, consagração em instâncias da cultura) e políticos (cargos eletivos e administrativos) acumulam ganhos desse duplo investimento e reconhecimento, ampliando as chances de acesso aos grupos dominantes e de imposição de problemáticas legítimas.

Propomos, pois, examinar as bases sociais da elaboração, consagração e seleção de determinados agentes que atuaram no âmbito universitário e científico. Em seguida, identificar os agentes tidos por exemplares e apurar os atributos valorizados, sendo estes de

natureza científica ou não. Não o sendo, investigar os processos de reconversão dessas qualidades sociais em princípios de hierarquização científica.

Operacionalização

Sabemos que a construção de uma visão sociológica dos objetos de estudo requer que se estabeleçam critérios básicos para uma objetivação da “realidade” de maneira a escapar dos pensamentos essencialistas que se apresentam sob a forma de falsas antinomias (BOURDIEU, 2002).

Devemos pontuar, para isso, a utilização de noções e instrumentos propostos com vistas a superar as caracterizações que advêm das pré-noções. Dentre as contribuições teóricas e metodológicas que recorreremos para buscar construir o conhecimento sociológico sobre os objetos analisados, sublinhamos a categoria de trajetória como “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (BOURDIEU, 2002, p. 189).

Tendo como ponto de partida tal indicação, em nossa pesquisa, para apreender as trajetórias os agentes que compõem a Academia Maranhense de Ciências, adotamos o método prosopográfico como instrumento que nos possibilitou organizar os recursos que os agentes possuem e a forma de acioná-los. A coleta dos dados foi realizada a partir das informações obtidas no livro “Gênese da Academia Maranhense de Ciências”, com o objetivo de construir um quadro sinóptico. Seguir com este mecanismo de gerenciamento dos dados de diversas trajetórias, nos permitiu tomar o conjunto do agrupamento de agentes pertencentes à AMC a partir de uma visão geral em torno das lógicas presentes neste âmbito de atuação.

A identificação das propriedades sociais dos agentes por meio desse expediente permite analisar não somente os atributos de maneira isolada, mas mapear a dinâmica social em suas formas variadas, segundo informações referentes aos agentes envolvidos obtidas a partir de questionário biográfico (CHARLE, 2006).

Os procedimentos da pesquisa refletem algumas metas gerais da pesquisa: 1) realizar um levantamento sobre aspectos que presidem essa instância específica de institucionalização, controle e divulgação do que é considerada a excelência da “ciência” no Maranhão; 2) perceber as características que funcionam como bases sociais da elaboração, consagração e seleção de “imagens” que conferem extraordinariedade a determinados agentes que atuaram no âmbito acadêmico e científico. Sem deixar de mencionar que 3) tomando como universo de análise uma academia científica e o trabalho de eternização de determinados “vultos” que

ela promove, busca-se averiguar os atributos (científicos ou não) que são valorizados, bem como a reconversão dessas qualidades sociais em princípios de hierarquização.

A realização do estudo foi, assim, realizada e estruturada basicamente respondendo a três momentos. Primeiramente, a atenção foi direcionada aos dados presentes no livro “Gênese da Academia Maranhense de Ciências”, analisando-se o aparato legal e as biografias dos membros fundadores juntamente às biografias dos patronos eleitos para ocupar cada cadeira da Academia.

Neste momento inicial, analisando a publicação da AMC, foram observadas as formas pelas quais se dá a construção e o acionamento dos arranjos institucionais percebidos pelo ordenamento jurídico que baliza o funcionamento da instituição (estatuto, regimento interno, missões, termo de compromisso, ata de fundação e outras de aspecto administrativo-normativo).

No momento posterior, a construção do banco de dados da Academia (igualmente por intermédio da análise da publicação) permitiu que levantássemos os dados referentes a: origem geográfica, profissão e escolarização dos antepassados (pais/mães), trajeto escolar, carreiras profissionais, publicações (lugares, ênfases, temáticas, etc), cargos administrativos (na universidade e/ou nas burocracias de governos), cargos eletivos, engajamentos diversos (associativistas, sindicais, religiosos, em movimentos sociais, etc.) dos agentes em questão.

O viés mais objetivista, obtido com base nos indicadores acima listados, foi complementado com a abordagem qualitativa relativa aos relatos de celebração dos patronos e membros-fundadores, identificados nos verbetes biográficos presentes na publicação – sendo essa a parte correspondente ao terceiro momento. Nesse último, nos utilizamos ainda da análise de entrevista realizada com a organizadora do livro e que compõe o rol dos membros-fundadores da AMC, Zafira da Silva Almeida.

A realização destas etapas de pesquisa nos levou a identificar regularidades nas trajetórias dos agentes que a constituem. Destacamos, então, membros-fundadores da AMC que figuram as características mais proeminentes, trazendo-os então como casos-exemplares. Em número de três, estes agentes se apresentam como elementos-chave para compreender as diferentes possibilidades de relação que se estabelecem entre os membros e a instituição, e entre os próprios membros.

1. Definição do marco teórico: “ciência”, “política” e estratégias de importação

Tomar o espaço de uma academia científica no contexto do estado do Maranhão para buscar entender como se dá o processo de eternização de “imagens” e a relação que estabelece com universos distintos requer que sejam mobilizadas diversas dimensões de análise. Estas podem explicitar as visões de mundo em disputa, caracterizando critérios de excelência científica, recursos de afirmação intelectual e trunfos de legitimação das relações de poder no estado.

As construções teóricas e metodológicas mobilizadas neste trabalho refletem, principalmente, sobre a dimensão relacional dos processos de constituição de porta-vozes autorizados e de representações sobre a sociedade. Utilizamos, como suporte primordial, as contribuições de Pierre Bourdieu (2002) sobre as possibilidades de apreensão dos espaços sociais por meio das propriedades sociais dos agentes e das relações empreendidas por eles.

Aos investimentos neste ramo dos estudos, que adota uma visão disposicional, concorrencial e relacional sobre os agentes, soma-se a chamada sociologia das importações, tomando para análise os desdobramentos de estruturas institucionais formuladas em um contexto específico (países ocidentais centrais, na grande maioria dos casos) ao serem realocadas em estrutura diversa. Mais especificamente, indagamos como em contextos periférico, marcados pela dominação econômica, cultural e simbólica, os modelos institucionais são importados, apropriados e amalgamados às lógicas autóctones (BADIE e HERMET, 1992).

Considerando o foco de estudo, a Academia Maranhense de Ciências, o tratamento mostra-se pertinente, pois é importado um modelo institucional de recrutamento e seleção de elites científicas que se apoia no capital científico específico e em concepções próprias do que define a excelência científica a partir de usos em condições sociais diversas.

As especificidades referentes à constituição do Estado e, por conseguinte, dos formatos e sentidos institucionais que são acionados quando do processo de importação, devem ser analisadas através da consideração dos agentes dos grupos dirigentes e suas estratégias em disputa no espaço social e político (ENGELMANN, 2013). As transferências internacionais implicam na constituição de um mercado simbólico global, essencial para compreender a série de operações sociais realizadas e as maneiras pelas quais os produtos são transferidos dos países centrais às configurações periféricas (DEZALAY e MADSEN, 2013).

A transposição de estruturas e lógicas de um contexto para outro é, portanto, operação realizada por um corpo de agentes sociais especializados, dotados de interesses específicos (BOURDIEU, 2002) e investidos do poder de interpretar e compor questões que respondam às configurações de interesse discrepantes envolvidas neste processo. A capacidade de responder

às lógicas dos diferentes níveis (do mais local ao internacional), coordenada por esses agentes, se explica pela homologia entre os espaços de poder, “o que lhes permite, se não funcionar de maneira complementar, pelo menos minimizar os conflitos” (DEZALAY e MADSEN, 2013: 26).

Essas observações nos servem para analisar o processo de mediação no universo intelectual à medida que nos debruçamos sobre a série de operações sociais realizadas pelos agentes especializados na seleção, marcação e aplicação de produtos do campo de produção mais geral no local de acolhida (BOURDIEU, 1990). Os fatores estruturais determinantes para a realização destas operações sociais são passíveis de compreensão a partir da análise do papel destacado assumido pelas “elites”, resgatado sociologicamente a partir da identificação dos agentes, das dinâmicas às quais estão submetidos e dos interesses que estão envolvidos neste processo.

O papel de intermediários que garante aos intelectuais operar com os códigos externos e internos, é percebido nos trabalhos que tratam sobre o Brasil, como retomou Reis (2013: 42). Estes estudos se debruçam sobre as relações que esses agentes de manipulação dos bens simbólicos estabelecem com a “política” e com o “Estado”. Reis aponta a construção dos objetos das pesquisas como importante para identificar as redefinições do “papel social e político dos intelectuais, das condições de exercício de suas atividades e de recepção de seus produtos, tendo em vista a preocupação com os processos de autonomização do campo intelectual”.

Nesse sentido, pensando as instituições nos contextos periféricos, sublinhando as instituições de cunho científico no Brasil, se localizam sobre uma estrutura que responde a uma dupla dimensão: uma em que os critérios burocráticos – cunhados pelo gradativo processo de especialização percebido no interior da dinâmica em que a instituição é originária – são exibidos formalmente como maneira de garantir uma “imagem” de isonomia entre os agentes envolvidos nela; outra em que as esferas de acumulação de capitais de relações sociais definem o funcionamento da dinâmica interna dessas instituições, apoiando desde o recrutamento dos agentes à forma de sobreposição do aparato burocrático pelo caráter pessoalizado (CORADINI, 2005).

No contexto de países importadores, essa configuração se dá de maneira bastante peculiar, segundo Coradini sofrendo influência das estruturas clientelista e de mediação. “A principal consequência disso é que a hierarquização e a sacralização dos dominantes, nestas condições, são estatutárias, portanto, anteriores às lutas políticas, visto que se inscrevem na estrutura de mediação e no conjunto das práticas políticas” (CORADINI, 1998: 216). Uma

das grandes contribuições elaboradas por Coradini em suas análises aponta as lógicas de recrutamento e seleção dos agentes a partir da combinação de mecanismos de cooptação, onde o caráter particularístico é notado, de ocupação de cargos políticos, administrativos e de gestão, garantida por redes de relações e alinhamentos políticos diversos, e de personificação do capital simbólico.

Nesse ponto, o autor nos brinda com a noção de *spoil system* (multifacetado) brasileiro³ para entender, dentre esses múltiplos recursos e lógicas possíveis de acionamento, como a ocupação de cargos pelos agentes analisados pode ser decisiva. A estrutura de multiposicionalidade e interdependência generalizada são apontadas por Coradini como característica de instituições que funcionam como empresas de articulação de diferentes interesses situados em ramos de atividades distintos. Esse aspecto faz prevalecer o *spoil system* (a ocupação de cargos administrativos) como recurso de distinção dos agentes envolvidos nas disputas do universo científico e acadêmico.

Em nossa pesquisa trazemos ainda as contribuições de Quintella (1984) para pensar essas multiposicionalidades e multifuncionalidades das instituições na realidade brasileira a partir da análise de instituições culturais e as características que tomam de acordo com uma série de fatores - mas basicamente percebidos em relação ao tempo de vida da instituição e ao posicionamento dos membros face ao mundo social. Soma ainda a ideia de definição de grupo dirigente unificado, para perceber as bases formais e informais envolvidas na definição da existência e eficiência de uma dada instituição; destaca assim, a orientação das instituições para uma vocação polimorfa, ou seja, atuando em múltiplas áreas do campo do saber e do poder, critérios de identificação da coesão interna das instituições são percebidos, ainda, a partir de um sistema de classificação dos limites do grupo traduzidos por terminologias que simbolizam atitudes cordiais entre os agentes. Tais atitudes revelam os recursos acionados para circunscrever o *ethos* próprio e estabelecer um quadro ideológico de referência, de onde poderão ser pinçados novos nomes passíveis de indicação para participação nas instituições.

A função de mediação, como este instrumento de análise das diferentes estratégias de atuação assumidas pelos agentes da “elite” dos países importadores, nos permite perceber os recursos que contribuem à esta “elite” monopolizar os mecanismos que moldam tanto as estruturas subjetivas quanto objetivas do mundo social, agindo sobre o tempo, o espaço, a

³ A partir da categoria formulada por Weber (1984) para compreender a vinculação entre ocupação de cargos no aparelho governamental e as vitórias político-eleitorais nos Estados Unidos, Coradini (2012) reformula para compreender a extensão e a diversidade da vinculação com processos eleitorais diversos em situações como a brasileira, cuja “utilização multifacetada de capital de relações sociais é muito mais abrangente” (CORADINI, 2012, p. 2). No universo das burocracias universitárias, esta acumulação de capital de relações sociais pode abranger diferentes recursos e lógicas de ação.

cultura e as representações. Grill (2013) destaca o processo de mediação como estando marcado por duas dimensões fundamentais: do atendimento e da intermediação (que tem por base as relações pessoais e as interações assimétricas que provêm dessas), ligadas e contribuindo com a configuração das formas de hierarquização social e mecanismos de interpretação da “realidade”. Essas dimensões envolvidas no processo refletem sobre o caráter assimétrico das relações entre os agentes como forma de organização social e política, o que nos leva a compreender as dimensões da vida social a partir de uma estrutura compósita (LANDÈ, 1977), permeada pelos contratos institucionais, legalmente validados, e contratos implícitos, fundados sobre as normas de reciprocidade. Não havendo uma configuração exclusivamente fundamentada sobre relações pessoais ou alianças diádicas, essa estrutura de organização mostra estes elementos presentes em níveis variados, se apresentando de maneira mais ou menos contundente. A realização da análise sociológica das configurações sociais e políticas serve para identificar a gradação que essas formas se apresentam em dinâmicas específicas. Assim, além das contribuições em termo de noções obtidas a partir da leitura destes trabalhos, o legado fundamental para o desenvolvimento da pesquisa sobre a Academia Maranhense de Ciências (AMC) está centrado sobre a forma de objetivação das propriedades sociais movimentadas pelos agentes nas dinâmicas institucionais e para além destas.

2. Breve histórico da “Ciência” no Brasil e o caso da Academia Brasileira de Ciências

Ao tomarmos o universo científico como objeto de estudo das ciências sociais, o percebemos como um espaço que se apresenta em constante concorrência em torno do que se define enquanto “ciência” e atividades científicas. O problema da definição de “ciência”, que é o real objetivo em embate na luta de representações (representação aqui entendida em seu duplo sentido: de quem pode se dizer cientista e falar em nome da ciência e classificações ou princípios de visão e divisão do que é ciência), sugere a necessidade de tomar o contexto e os agentes envolvidos em momentos diferentes do fazer científico.

O trabalho de recompor quais são as lógicas em disputa na definição dos limites do espaço da “ciência” é o ponto de partida para compreender as interações que se estabelecem para a definição de fronteiras, dentro de seus limites e para além desses.

Antes de aprofundarmos sobre as representações de excelência científica no estado do Maranhão, neste trabalho trouxemos primeiramente a configuração nacional em que se estabeleceu a concepção de “ciência” e de produção científica em voga, apresentando

brevemente algumas instituições envolvidas nesse processo. O fato do estudo desenvolvido por nós tratar especificamente de uma instância de consagração, a Academia Maranhense de Ciências (AMC), nos conduz a pensar o caso da Academia Brasileira de Ciências, servindo de base para compreender a composição deste corpo de agentes científicos no plano nacional e para possibilitar o desenvolvimento de questões sobre a AMC.

No caso brasileiro, os variados modelos de organização adotados pelos grupos de cientistas nos diversos momentos históricos demonstram claramente a sua vinculação com o ambiente social e econômico mais amplo. Assim, o embate travado pelos agentes responde a essas diversas configurações de poder, disputando os critérios de legitimidade que estão envolvidos nessa relação. A posição de mediação ocupada pelos agentes científicos – que apontamos no momento anterior - permite perceber essa característica, de forma mais pontual, nas configurações de países que respondem às dinâmicas periféricas.

O papel destacado que os agentes da ciência assumem na estrutura social se aproxima, no contexto estudado, principalmente das ideologias econômicas adjetivadas de desenvolvimentistas. Nos escritos sobre o processo de formação de uma comunidade científica no país, percebemos, sobretudo, que o modelo de desenvolvimento científico é aqui espontaneamente atrelado ao de desenvolvimento econômico e à modernização, sendo apropriado enquanto política nacional que têm como resposta o padrão de “ciência aplicada” desenvolvido por institutos especializados e escolas técnicas.

Tendo em vistas as considerações percebidas nos estudos que trazemos para entender as dinâmicas da “ciência” a nível nacional, buscamos traçar o panorama da constituição de uma comunidade científica e a análise de agentes que fizeram parte desses processos. Esses estudos nos levam a analisar as dinâmicas de importação de ideologias e tecnologias científicas de países ocidentais centrais, através das instituições que foram investidas de papel diferenciado na realidade em questão.

Para a reconstituição histórica sobre o caso brasileiro, tiramos proveito dos trabalhos de Schwartzman (1979), Forjaz (1989), Paim (1978) e Hey (2013), por indicarem, sobretudo, informações sobre as dinâmicas ocorridas entre os séculos XIX e XX, apontando os processos de importação das Academias e Institutos referenciados à produção científica nos grandes centros globais.

Tomamos como ponto de partida a efervescência de movimentos culturais, sociais e políticos nos anos de 1920, em especial os debates acerca dos modelos institucionais, no seio dos quais os da organização da educação assumiu local privilegiado. A partir deste momento, com as reformas propostas, se percebe a estreita relação existente entre a universidade e a

construção de um caminho possível à institucionalização da “ciência”, a partir da defesa de integração da pesquisa científica à universidade. O movimento educacional que refletia sobre o trabalho científico e o padrão de carreiras, esbarra na prevalência das redes de relações pessoais que funcionam então como critério de recrutamento fundamental.

Hey (2013), foca sobre o papel dos institutos de pesquisa e das universidades na formação de uma comunidade científica no Brasil, a partir do caso da Academia Brasileira de Ciências (ABC) que se insere nesse ínterim como um espaço ainda incógnito, segundo a autora. A posição da Academia Brasileira de Ciências, fundada nas primeiras décadas do século XX, demonstra o caráter pouco expressivo que o movimento educacional assume até mesmo em instituições que, em sua idealização, surgem voltadas à produção do conhecimento. A estruturação dessas instituições apresenta, então, a característica de serem baseadas sobre critérios outros que não o do trabalho científico. As reflexões sobre o processo de seleção de agentes permitem indagar sobre as dinâmicas de socialização dos agentes da “ciência” no país, assim como sobre as relações com as diferentes instâncias relacionadas à pesquisa no Brasil, no exterior e outros espaços sociais (HEY, 2013).

Essas figuras particulares assumem a direção dos rumos da “ciência”, mas não somente dela, uma vez que são alocadas em posições de relevância que atingem se não todas, a grande maioria das esferas da vida cotidiana. Apresentados como possuidores de uma extraordinariedade ante os demais (portadores de um capital simbólico personificado) são, pois, responsáveis pela definição do espaço de posições de poder de acordo com critérios por eles mesmos estabelecidos, como forma de manter a diferenciação entre a “verdadeira ciência” e outros produtos do conhecimento, e entre a “ciência” e as demais esferas da sociedade.

Os trabalhos que nos serviram de base para o desenvolvimento das questões sobre o universo científico foram fundamentais para a reflexão sobre os processos históricos em que se desenvolvem a instância de consagração do universo científico maranhense. Dessa forma, perceber as dinâmicas das relações que se estabelecem entre a instituição, os agentes que a compõem e os fatores econômicos e políticos que se apresentam na sociedade de maneira geral delinearam a forma de constituição dos procedimentos de seleção, hierarquização e eternização de vultos na esfera científica.

3. Recrutamento: dos critérios formais à seleção social e política

No livro que remonta o processo de constituição da Academia Maranhense de Ciências, datada de 2008, os fundamentos burocráticos de funcionamento da instituição foram tomados juntamente às biografias publicadas, buscando perceber quais são os critérios formais e as bases sociais que incidem sobre a seleção dos membros. A necessidade de tomarmos os critérios formais e informais de seleção, hierarquização e consagração dos agentes da AMC será recorrente em todo nosso estudo.

Em um primeiro momento, nos debruçamos sobre os critérios formais da elaboração, consagração e seleção de “imagens” do universo científico maranhense, tomando o Estatuto e o Regimento Interno da Academia de forma a perceber as características gerais da instituição, bem como os procedimentos formais do processo de recrutamento dos agentes que a compõem. Então, relacionamos tais dados com as informações obtidas através da entrevista realizada com a organizadora e também membro-fundadora da AMC, Zafira da Silva Almeida.

Desta feita, os dados nos permitiram, para o tratamento objetivista das informações, traçar um panorama das regularidades do universo da “ciência” no Maranhão. As características mais proeminentes da AMC e dos agentes que a compõem pode ser percebida nos tópicos que seguem:

1) Se apresentando formalmente como representativa de todas as áreas do conhecimento (categorizadas em 15), a AMC possui membros preenchendo apenas 7 destas e tendo nas áreas de Engenharia e Saúde os números mais expressivos, respectivamente 10 membros (sendo 100% ocupados por homens) e 7 (dos quais mais de 50% são mulheres) 19, dos 23 membros-fundadores que informam o ano de nascimento, possuem idade superior a 45 anos (possuindo a maioria mais que 50 anos), o que indica possíveis laços de contemporaneidade, propiciando vínculos de amizade e alianças no meio acadêmico

2) Das 30 biografias, 27 apresentam informações referentes à cidade de nascimento. Em sua maioria maranhenses (contabilizando 20 casos. Os outros 7 membros vêm de outros estados do Nordeste, 4, do Sudeste brasileiro, 2, e 1 indivíduo estrangeiro), 8 são da capital do estado enquanto 12 de cidades do interior.

3) Dos 12 indivíduos do interior, 9 informam a conclusão do ensino médio em escolas de São Luís; dos 3 demais que não citam a instituição em que concluíram o ensino médio, todos apontam ter cursado pelo menos o primeiro curso de graduação na Universidade Federal do Maranhão, localizada em São Luís. O deslocamento para a capital revela a posição diferenciada que estes agentes provenientes do interior ocupam, sobretudo, em decorrência de recursos econômicos e de contatos qualificados em São Luís que possuem.

4) No que diz respeito à titulação (como estado institucionalizado do capital cultural), o quantitativo declina à medida que se avança nos títulos: 100% indica conclusão de curso de graduação, 22 cursos de mestrado, 18 de doutorado e 2 fazem referência a pós-doutorado. Logo, os princípios de seleção para pertencer a esta “elite científica”, repousam sobre critérios outros que não o de titulação escolar.

5) Quanto a referências à produção de artigos, 46,6% dos membros sequer mencionam produção de artigos; 16,6% fazem breve referência; 23,3% especificam quantidade e local de publicação; e 13,3% referenciam nominalmente os artigos que figuram entre suas principais publicações.

6) Referente à ocupação profissional, 87% dos membros destacaram a atividade de docência (sobretudo nas universidades públicas do Maranhão). Dos 30 membros-fundadores, 17 fazem referência à ocupação de cargos administrativos nas burocracias universitárias, dos quais os cargos de reitoria, vice-reitoria e pró-reitorias somam 9 indivíduos, e coordenações e chefias de departamento somam 8; o que pode nos indicar a existência de uma “elite” da “elite científica” estabelecida de acordo com critérios políticos.

7) A ocupação de cargos na política institucional pode ser percebida em 11 dos membros, dos quais quase um terço (9) foi secretário de estado. As relações com os governos em suas diferentes esferas são observadas ainda através de menção de participação em projetos, referências a pessoas e condecorações recebidas de instituições políticas.

8) 20 dos membros possuem currículo Lattes enquanto os outros 10 não constam possuir cadastro (o que já mostra a distância dos critérios de hierarquização que valem, em menor ou maior grau, para os pares cientistas em outras instâncias). Dos que possuem, 8 elencam participação na academia logo na descrição inicial, 3 apresentam no campo de “prêmios e títulos”, 1 em “atuação profissional/atividades” e outros 8 não chegam a citar no currículo (o que demonstra a imprecisão de significados atribuídos à participação a uma academia de cientistas).

O mapeamento das características gerais dos membros da Academia Maranhense de Ciências nos fornece a possibilidade de apreender o que se entende por excelência científica no estado, pelo menos para um segmento dos pesquisadores.

4. Estratégias de consagração coletiva e produção de vultos

De forma paralela, realizamos tratamento qualitativo dos textos de apresentação das biografias. Estes, além de contribuírem na interpretação dos gráficos, tem papel fundamental

na compreensão dos elementos valorizados no processo de seleção e consagração dos agentes e na caracterização da instituição. Examinamos, então, os elementos presentes tanto nos documentos que compõem o livro “Gênese da Academia Maranhense de Ciências” como nas biografias, somados pela entrevista realizada com a organizadora da publicação.

Indicar o que se apresenta como critério de seleção dos membros relaciona-se diretamente à noção de “ciência” à qual estão orientados os agentes selecionados e a própria AMC. A afiliação a uma ideia de “boa ciência”, percebida especialmente no discurso de posse do Presidente e na apresentação das Missões da AMC, implica na necessidade de pensar as questões científicas relacionadas às abordagens sócio-econômicas, sendo as primeiras responsáveis pela proposição de soluções ao “desenvolvimento” do Maranhão. A “ciência” é apresentada, ainda, como elemento que propicia melhorias na qualidade de vida do povo e atende às demandas da sociedade. Esses são os critérios legítimos do fazer científico percebidos nos discursos biográficos da AMC e um dos aspectos que vêm salientados no termo de compromisso por todos os membros assinado para efetivar a participação na instituição.

A afirmação dessas representações que envolvem o sentido dado à “ciência”, alicerçadas no caráter da “aplicabilidade”, aponta para o aspecto de baixa autonomia da instituição e do domínio científico no estado, uma vez que os interesses específicos são, quase que de maneira absoluta, balizados pelos do grande público ou por demandas externas. Não apresentando, portanto, a necessidade da refração que os campos científicos institucionalizados impõem, como vimos anteriormente a partir de Pierre Bourdieu. Disto se percebe uma preocupação com a relevância econômica e social (nesta ordem) do trabalho científico em detrimento da relevância propriamente acadêmica, o que acompanha o destaque dado aos cargos *versus* os títulos e produções.

É possível perceber também, por meio da análise dos relatos biográficos, a preocupação com a formação de uma identidade coletiva (POLLACK, 1992) sobre a “Ciência no Maranhão” que se utiliza, para tanto, da edificação de um panteão, que eterniza determinados vultos e legitima certas qualidades (dentre estas, sendo a prática científica associada a noções como “sacerdócio” e “compromisso”). A AMC se apresenta, então, como o marco inaugural da constituição do grupo científico no estado e das fronteiras que o limitam, tanto em termos de existência quanto, a partir de então, referindo-se às normas de participação nele, contando a história e a consolidação da instituição como elemento de construção de uma memória da “ciência maranhense”.

Iluminando as questões que percebemos a partir dos trabalhos de Coradini (1998) e Quintella (1984), percebemos no caso da Academia Maranhense de Ciências, o caráter da “elite” dirigente aliada à constituição recente e ainda em frágil processo de institucionalização, demonstra a também forte presença de fatores exógenos à esfera científica, como percebemos nos levantamentos da nossa pesquisa apresentados até este momento. Estes fatores, funcionando via redes de relações pessoais, se apresentam como elementos formadores de coesão do grupo, percebidos principalmente na recorrência dos agentes da AMC nas dinâmicas externas que influenciam a estrutura interna da instituição.

A frágil institucionalização é por nós vista como uma das fontes da lógica da “auto-cultuação” (QUINTELLA, 1984) que nos ajuda a pensar a utilização de membros da AMC de posições ocupadas em outras instituições (governos, academias de letras, institutos históricos, etc.) de reconhecimento como forma a atestar a distinção da AMC e deles próprios. Sem deixar de mencionar a retroalimentação do crédito simbólico que decorre das ocasiões cerimoniais que os mesmos membros participam em distintas instituições. Este caráter fica visível ao compararmos os quadros de outras instituições políticas (via cargos administrativos e eletivos, por exemplo) e culturais (via cargos nas universidades e ocupação de cadeiras em academias e institutos) com o da AMC, e em passagens (do livro e biografias) que revelam o reconhecimento que conferem às instituições como fator fundamental para a implantação da Academia.

A constatação de uma mesma “elite” presente nas posições de poder das diferentes instituições, é o ponto a partir do qual buscamos sublinhar as trajetórias exemplares dos agentes que selecionamos.

Em termos gerais identificamos que, dentre muitas outras atribuições assumidas, um destes agentes foi reitor da UFMA, outro da UEMA e o terceiro presidente da FAPEMA; são indivíduos que possuem formação em medicina, engenharia e computação; que foram agraciados com prêmios, títulos e homenagens promovidos por instituições políticas; e que pertencem, além da Academia Maranhense de Ciências (na qual desempenham posição de liderança), ao Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e um deles também à Academia Maranhense de Letras, espaços de consagração da “elite cultural” no estado, como é sabido.

Como dito anteriormente, a escolha em tratar de três casos do universo de agentes da Academia Maranhense de Ciência responde às posições ocupadas por esses agentes em espaços de poder que foram observadas como recorrentes na AMC. No quadro abaixo, podemos perceber alguns dos principais indicadores por nós selecionados a fim de construir o perfil destes:

Quadro: Perfis sociais

Agentes	Origem geográfica	Trajetória escolar	Participação em instituições de viés "científico"	Ocupação na burocracia universitária	Relação com a política institucional	Participação em outras instituições de consagração
Natalino Salgado Filho	Cururupu* (MA) <small>*dado conseguido por pesquisa na internet</small>	Graduação: Medicina (1973) - UFMA Mestrado e Doutorado: Nefrologia (1987 e 1994) - USP	Kidney International Society; Sociedade Brasileira de Nefrologia; Sociedade Brasileira de História da Medicina; Sociedade Maranhense de nefrologia	Coordenador do curso de Medicina (UFMA); Reitoria (2007 -); diretor do Hospital Universitário		Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM); Academia Maranhense de Letras; Academia Maranhense de Medicina
José Augusto Silva Oliveira	São Luís (informação presente na biografia)	Engenharia Agrônoma - Escola de Agronomia do Maranhão Mestrado: Economia Rural (1984) - UFV	Sociedade Brasileira de Economia Rural; Sociedade Brasileira de Econometria; Associação Brasileira de Reitores das Universidades Estaduais e Municipais	Chefe de Departamento, coordenador de centro e unidades de ensino; Pró-reitoria (1996 - 2002); Vice-reitoria (2003 - 2006); Presidente do Conselho Editorial da Universidade (1996 - 2002); Reitor da UFMA (2006 -)	Secretário Estadual de Agricultura do Maranhão; Comissão estadual de Planejamento Agrícola do Maranhão (1975 - 1987); assessor-chefe da Secretaria de agricultura (1987 - 1991)	Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (não conta na biografia nem no Lattes)
Sofiane Labidi	Tunísia* <small>*dado conseguido por pesquisa na internet</small>	Graduação e Mestrado: Ciência da Computação - Universidade de Nice Sophia Antipolis (França) Doutorado - Instituto Francês de pesquisa em Informática e Automática	Diretor-Presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Maranhão; Presidente do Simpósio Brasileiro de Inteligência Artificial	Coordenador Pós-Graduação Lato Sensu, Laboratório de Sistemas de Inteligência (UFMA), Núcleo de Educação a Distância; Pró-reitor de Pesquisa da Universidade Virtual do Maranhão; coordenador da UnA-SUS	Assessor especial da Prefeitura de São Luís	Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM)

Agentes	Instituições que concederam honrarias, prêmios e títulos	Como apresentam no Lattes a participação na AMC	Patrono na AMC
Natalino Salgado Filho	UFMA; Câmara Municipal de São Luís; Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão; Rotary Club; Sociedade Médica do Maranhão; Secretaria de Assistência à Saúde (Ministério da Saúde); Corpo de Bombeiros Militar; Sociedade Brasileira de Cardiologia; Assembleia Legislativa do Maranhão	"Prêmios e Títulos"	Benedito Clementino (Médico)
José Augusto Silva Oliveira	Escola de Agronomia do Maranhão; Câmara Municipal de São Luís; Conselho Regional de Engenharia Arquitetura e Agronomia do Maranhão; homenagens e certificados por serviços diversos da UEMA; Corpo de Bombeiros; Governo do Estado do Maranhão; Associação de Engenheiros Agrônomos do Maranhão, FAPEMA; Academia Maranhense de Letras; Câmara Municipal de Bacabal	"Outras atividades"	Monsenhor Brandt e Silva
Sofiane Labidi	Assembleia Legislativa do Maranhão; Governo do Estado do Maranhão; título de cidadão ludovicense; melhor aluno de graduação pelo Instituto Superior Científico (França)	Na descrição inicial (resumo feito pelo autor)	Raymundo Nina Rodrigues

Fonte: Almeida, 2009

Observações finais

O questionamento fundamental que a pesquisa propôs – sobre as possibilidades de imbricação entre as esferas científica e política e de que modo essas influências são percebidas em um ou outro âmbito – nos mostrou elementos importantes. Estes nos permitiram pensar a constituição do universo de uma instituição na realidade peculiar em que se percebe a Academia Maranhense de Ciências.

Os aparatos conceituais e metodológicos que utilizamos permitiram apreender os movimentos realizados tanto individual quanto coletivamente no universo da AMC, percebendo as imbricações entre as representações formuladas acerca do papel da “ciência” no Maranhão nas diversas esferas. No que tange à busca pela definição de “ciência” e atividade científica, a Academia se apresenta, então, como instituição de consagração de “imagens” relacionadas não somente às práticas de pesquisa, mas, sobretudo, àquelas presentes nas esferas de gestão e administração. Dessa forma, a análise dos ordenamentos oficiais e não-oficiais traduzidos a partir das trajetórias selecionadas como exemplares indica aspectos basilares da estrutura organizacional da AMC.

Uma das principais contribuições desse estudo da AMC reside no fato de perceber o peso relativo desempenhado pelos critérios formais e informais que se estabelece na instituição quando do recrutamento dos membros. A aparente isonomia apresentada pelos regulamentos jurídicos esbarra no forte caráter pessoal que é identificado na seleção dos

membros-fundadores. Outro aspecto de destaque é o funcionamento na prática de uma definição de “excelência científica” diferente do discurso oficial adotado (e que tem suas raízes na identificação de uma “excelência científica nacional”). A escassa referência à publicação de artigos, a preponderância de cargos nas burocracias universitárias na descrição das atividades empreendidas, o destaque dado às honrarias pessoais (sobretudo prêmios recebidos por instituições do poder público), a inexistência de cadastro na plataforma Lattes e o uso feito desta: são alguns dos elementos para perceber os recursos valorizados no recrutamento dos agentes que fazem parte da AMC.

Os dados levantados e as análises destes ainda são bastante precários quando se percebe as inúmeras possibilidades de apreensão de lógicas atuantes na Academia Maranhense de Ciências. O referencial teórico-metodológico em especial, nos ajuda a perceber as múltiplas dimensões em relação direta e ininterrupta, garantindo um leque bastante amplo para o aprofundamento desta pesquisa ou mesmo a constituição de outros olhares sobre o assunto.

A adoção de novas fontes nos parece ser o ponto inicial para a continuidade e aprofundamento dos estudos sobre a AMC. Recorrer a outras bases de dados nos permitirá elaboração de prosopografia de maior fôlego, buscando apreender as trajetórias dos membros da Academia através de diferentes registros. Biografias publicadas para fins diversos, entrevistas e discursos proferidos pelos agentes figuram entre as fontes possíveis.

Indo além, propomos-nos à construção mais minuciosa das trajetórias dos três casos exemplares destacados dentre os membros da Academia Maranhense de Ciências, buscando complementar as informações sobre percursos escolares e profissionais. Por meio das trajetórias e da identificação de momentos de disputas por poder político, é possível ainda mapear redes de relações entre os agentes (que extrapolam inclusive o domínio acadêmico) e perceber de que maneira estas redes são acionadas nos embates. Por fim, a delimitação de alguns eventos e seus sentidos em disputa possibilita verificar as representações dos agentes sobre uma pauta de questões sociais, políticas e científicas.

Referências

ALMEIDA, Zafira S. **Gênese da Academia Maranhense de Ciências**. São Luis: Editora UEMA, 2009.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: ALMEIDA, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1998

_____. **As condições sociais da circulação internacional de ideias.** Revista Enfoques, Rio de Janeiro: vol. I, n. 1: p. 4 -9, out. 2002

_____. **Coisas ditas.** São Paulo: Brasiliense, 1990

CHARLE, Christophe. Como anda a história social das elites e da burguesia? Tentativa de balanço crítico da historiografia contemporânea; A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas. In: HEINZ, F. M. **Por outra história das elites.** Rio de Janeiro: FGV Editora: p. 19-53, 2006

CORADINI, O. L. Os professores de ensino superior como posição social: segmentação interna e relações com centros internacionais. In: CANEDO, L.; TOMIKAZI, K; GARCIA JR., A. **Estratégias educativas das elites brasileiras na era da globalização.** São Paulo: HUCITEC, 2013

_____. Panteões, iconoclastas e as ciências sociais. In: FELIX, L. O.; ELMIR, C. (Org.) **Mitos e heróis: construção de imaginários.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998. p. 209-235

_____. **A formação da elite médica, a Academia Nacional de Medicina e a França como centro de importação.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 35, p. 3 – 22, janeiro – junho de 2005

_____. **O recrutamento da elite, as mudanças na composição social e a crise da medicina no Rio Grande do Sul.** História, Ciências e Saúde – Manguinhos, vol. IV (2): 265 – 286, jul. –out. 1997

ENGELMANN, Fabiano. “Em torno do poder”: ciência e instituições políticas. In: GRILL, SEIDL (Orgs). **As ciências sociais e os espaços da política no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013

FORJAZ, Maria Cecília Spina. **Cientistas e Militares no Desenvolvimento do CNPq (1950 – 1985).** BIB, Rio de Janeiro, n 28, 2º semestre de 1989

GRILL, Igor Gastal. Especialização política: bases sociais, profissionalização e configurações de apoios. In: GRILL, SEIDL (Orgs). **As ciências sociais e os espaços da política no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013

HEY, Ana Paula. **Elites científicas: o caso da Academia Brasileira de Ciências.** GT 16 – Grupos Dirigentes e Estruturas de Poder. 36 Encontro Anual da ANPOCS: 2013

LANDÉ, C. **“Introduction: the dyadic basis of clientelism”.** SCHMIDT, S.W. et alli.(Eds.). *Friends, Followers and Factions.* A Reader in political clientelism. Berkeley, University of California Press, 1977

PAIM, Antonio. Por uma universidade no Rio de Janeiro. In: SCHARTZMAN, S (Org.). **Universidades e instituições científicas no Rio de Janeiro.** Brasília: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), 1982.

POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. **Revista Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992

QUINTELLA, M. M. D. Cultura e poder ou Espelho, espelho meu: existe alguém mais culto do que eu? In: MICELI, S (org.), **Estado e Cultura no Brasil**. São Paulo: DIFEL, p. 115 – 144, 1984

REIS, Eliana Tavares dos. Saberes em movimento: transações entre “intelectuais”, definições de ciências sociais e a “política”. In: GRILL, SEIDL (Orgs). **As ciências sociais e os espaços da política no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

REIS, E. T. dos; GRILL, I. G. Para um estudo de imbricações entre domínios políticos e intelectuais. In: REIS, E. T. dos; GRILL, I.G. **Estudos sobre elites políticas e culturais**. São Luís: EDUFMA, 2014

SCHARTZMAN, Simon. **Um espaço para a ciência: a formação da comunidade científica no Brasil**. Brasília, Ministério da Ciência e Tecnologia, 1979

WEBER, M. **Economia y Sociedad; Esbozo de sociologia comprensiva**. México, Fondo de Cultura Econômica, 1984